



População de Ubu, no Espírito Santo, tenta barrar instalação de siderúrgica

DATA DE EDIÇÃO

12/01/2016

MUNICÍPIOS

ES - Anchieta

LATITUDE

-

LONGITUDE

-

SÍNTESE

Desde 2007, a Vale tenta licenciar um projeto visando à construção de uma siderúrgica, um porto e um ferrovia em Ubu, comunidade localizada no município capixaba de Anchieta. No entanto, o empreendimento, que inicialmente envolveria uma parceria com a Baosteel Group Corporation, maior produtora de aço da China, já foi abandonado e posteriormente retomado com novo nome e novas características, visando reduzir os impactos ambientais. Apesar disso, as populações locais, especialmente da Chapada do A, de origem indígena, têm resistido à instalação do complexo, uma vez que os moradores seriam obrigados a abandonar suas terras, além de virem no empreendimento o agravamento das condições socioambientais do município que já abriga quatro usinas de pelotização e um terminal marítimo da Samarco Mineração, controlada pela Vale e BHP Billiton.

têm pretensões de instalar outros projetos na região, o faz com que a população local tema pela ampliação dos impactos negativos decorrentes de atividades empresariais na região. Em julho de 2007, a Vale assinou um protocolo de intenções com a Baosteel Group Corporation - maior produtora de aço da China – e com o governo do estado do Espírito Santo, com objetivo de construir no local a Companhia Siderúrgica de Vitória (CSV) (MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTICA AMBIENTAL E SAUDE NO BRASIL, 2014), para fabricação de placas de aço.

Com investimento total estimado, na ocasião, em cerca de US\$ 4 bilhões, a siderúrgica teria capacidade de produção de 5 milhões de toneladas/ ano, a partir do final de 2011 ou início de 2012. O complexo contaria ainda com um porto de águas profundas (pelo menos 23 metros), uma ferrovia de 160 Km, ligando a região de Anchieta à Estrada de Ferro Vitória-Minas, além de uma usina termelétrica com capacidade para gerar, a partir dos gases da coqueria, 400 megawatts de potência (VALOR, 2007).

APRESENTAÇÃO DE CASO

Ubu é uma comunidade capixaba situada a 9km do município de Anchieta - 411,898 Km² e população estimada, em 2015, de 27.624 pessoas (IBGE, 2014). Originalmente, era um pequeno povoado de pescadores, mas hoje abriga quatro usinas de pelotização (que transformam o minério de ferro em pelotas) e um terminal marítimo da Samarco Mineração S.A., uma empresa brasileira de capital fechado controlada em partes iguais pela Vale e pela empresa anglo-australiana BHP Billiton, que se instalou na região na década de 1970 (SAMARCO, s.d.).

Além desses empreendimentos, a Petrobras e a própria Vale



No entanto, em janeiro de 2009, a Baosteel e a Vale anunciaram oficialmente a extinção da Companhia

Siderúrgica de Vitória (CSV), alegando que a crise econômica internacional levou a uma forte redução da produção global de aço. De acordo com a Vale, isso fez com que a Baosteel propusesse o cancelamento do plano de investimento (GAZETA ONLINE, 2009). Contudo, no ano anterior, o governo estadual já havia declarado que o empreendimento era inviável em função de limites na disponibilidade hídrica da região (AGB, 2012).

Porém, a Vale não desistiu da ideia de instalar um complexo siderúrgico na região. Em outubro de 2009, realizou uma audiência pública em Anchieta para apresentar o projeto de construção da Companhia Siderúrgica de Ubu, que, diferentemente da CSV, reutilizaria até 97% da água usada no processo de produção e cogitava a utilização de água do mar visando reduzir a demanda sobre o sistema de abastecimento regional, além de prever medidas para redução das emissões atmosféricas. Os municípios de Anchieta, Piúma, Guarapari e Alfredo Chaves estariam na área de influência do empreendimento (MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTICA AMBIENTAL E SAUDE NO BRASIL, 2014). Em 17 de dezembro do mesmo ano, a Vale deu entrada no processo de licenciamento do empreendimento (ZANDONADI, 2010).

Diante da retomada das prospecções empresariais na região, os moradores voltaram a debater as principais ameaças ao seu território, entre elas a quantidade de água da bacia do Rio Benevente a ser utilizada; os impactos sobre as comunidades do entorno; os efeitos sobre a infraestrutura turística e a pesca; os problemas decorrentes do crescimento demográfico regional e impactos sobre a qualidade de vida da população em geral (MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTICA AMBIENTAL E SAUDE NO BRASIL, 2014).

Para tentar vencer as resistências da população local, a empresa realizou 50 reuniões com 19 comunidades e encomendou estudos sobre o uso da água, emissão de partículas, geração de emprego e renda e utilização de mão de obra local, independentemente dos estudos que haviam sido elaborados para o processo de licenciamento ambiental. O projeto da CSU atingiria diretamente as comunidades de Monteiro e Chapada do A, as quais abrigam 130 famílias que residem no centro da área onde a Vale pretende instalar a usina, a cerca de 4 km da sede de Anchieta. Os moradores das duas localidades afirmam ser donos das terras onde moram, mas a Vale alega que as áreas lhe pertencem e que as havia repassado a Samarco quando adquiriu 50% de participação acionária na empresa de Ubu. Diante do impasse, a empresa apresentou três alternativas para as famílias: construir um novo bairro, com toda a infraestrutura necessária para que as cerca de 400 pessoas lá passem a viver; promover realocação assistida, pela qual os proprietários escolheriam onde querem morar e a empresa faria o processo de mudança; indenizar pela terra todos que quisessem sair da região (ZANDONADI, 2010).

As 30 famílias da comunidade de Monteiro já estão em fase final de negociação, mas a comunidade da Chapada do A

decidiu aguardar a conclusão de estudos que a Vale havia solicitado para decidir o que fazer. Porém, a maioria dos moradores dessa comunidade alegou preferir permanecer na região. O presidente da Associação dos Moradores da Chapada do A, Ostério Florentino dos Santos, afirma que eles não querem sair do local e tampouco morar perto de uma siderúrgica (ZANDONADI, 2010).



Um dos principais impedimentos aos projetos previstos para o pólo siderúrgico é a disponibilidade de recursos hídricos para uso industrial. Estudos demonstram que a bacia do rio Benevente já estaria operando perto do seu limite crítico e o aumento da demanda em função da instalação de novos empreendimentos poderia levar os municípios abastecidos por essa bacia, especialmente Anchieta e Guarapari, a ter problemas de abastecimento (MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTICA AMBIENTAL E SAUDE NO BRASIL, 2014).

O Grupo de Apoio ao Meio Ambiente (Gama), entidade ambientalista de Anchieta, tem lutado para barrar o a construção da siderúrgica. Entre os argumentos estão o fato de que o empreendimento levaria ao aumento no quadro da violência urbana, do tráfico de drogas e de prostituição, inclusive infantil. “Esta última se agravará exponencialmente com a divulgação dos empregos (provisórios) que serão criados se a Siderúrgica for aprovada. [...] Comunidades tradicionais do município de Anchieta serão afetadas, ou pior desaparecidas, caso o projeto da Siderúrgica da Vale venha ser implantado. Estamos nos referindo especialmente à comunidade da Chapada do A, cujos habitantes são os últimos descendentes da aldeia indígena encontrada pelos jesuítas (em torno de 9.000 indivíduos) [...]. O impacto que o complexo industrial instalado em Anchieta (Samarco e Petrobras) tem sobre nossas áreas de preservação ambiental – Estação Ecológica Papagaios e APA da Guanabara (além do Monte Urubu) visivelmente afetadas com a instalação dos minerodutos e gasodutos, além dos terminais marítimos –, será elevado grandemente caso a Siderúrgica da Vale venha se instalar nessa região (que traz juntamente um mega porto e a variante ferroviária Litorânea Sul [...] (RAUTA RAMOS, 2011, p. 1 apud RAMOS; ATAÍDE, 2013).

Também na tentativa de resistir à instalação desses novos empreendimentos com grande potencial poluidor em Anchieta foi criada a Rede Comuna Verde integrada pelo Gama, pelas associações de catadores de caranguejo de Anchieta, de pescadores de Ubu e Parati, e por diversas pessoas que apoiam a luta dos moradores de Chapada do A. Foi criado também o movimento de Defesa Permanente de Anchieta, formado pela Organização dos Advogados do Brasil (OAB), Federação das Associações de Moradores e Movimentos Populares do Espírito Santo (Famopes), partidos de esquerda, Movimento dos Sem Terra (MST), Central Única dos Trabalhadores (CUT) e outras entidades sindicais, que passaram a estar presente na comunidade de Chapada do A. Representantes desse movimento fizeram um plebiscito na comunidade, o qual aponta que 97% dos moradores dizem não pretender, de forma alguma, vender sua propriedade para a empresa (RAMOS; ATAÍDE, 2013). Diante disso, funcionários da Vale teriam feito visitas aos chefes das famílias, na maior parte pessoas idosas, tentando convencê-las a vender suas propriedades (RAMOS; ATAÍDE, 2013; MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTICA AMBIENTAL E SAUDE NO BRASIL, 2014).

Outra iniciativa de resistência foi a ocupação do Instituto Estadual de Meio Ambiente (IEMA) durante a sessão para concessão da licença provisória. A iniciativa contou com apoio de organizações ambientalistas do estado, especialmente da Rede Alerta Verde, da Via Campesina e do MST. Em consequência, o lema ficou paralisado por um dia. Em 2012, a Vale foi obrigada pelo Conselho de Cultura do Estado do Espírito Santo a retirar o nome Chapada do A da placa instalada no alto do morro, em frente ao conjunto habitacional em construção, destinado às famílias que seriam removidas do local de instalação da CSU (RAMOS; ATAÍDE, 2013).

Os moradores da Chapada do A também têm buscado o auto-reconhecimento como comunidade indígena tupiniquim, além de terem dado entrada, em Brasília, num processo de reconhecimento oficial. Para a comunidade, a demarcação de seu território como terra indígena representa um grande trunfo na disputa com a CSU. Na área da Chapada do A está prevista a passagem da Ferrovia Atlântica-Sul, um dos maiores investimentos previstos para o estado, ao lado da CSU (AGB, 2012).

Afora a luta contra os empreendimentos anunciados para a localidade, os moradores da Chapada do A têm enfrentado problemas com a Prefeitura Municipal de Anchieta, que tem negado sistematicamente as reivindicações da comunidade, alegando que não investirá no local, uma vez que a comunidade será removida, numa demonstração de que dá como certa a saída dos moradores (AGB, 2012).

Em março de 2015, a Vale voltou a tentar viabilizar o empreendimento, requerendo ao lema, através do processo nº 47787830, a renovação da Licença Prévia para produção de semiacabados de aço, em Anchieta, conforme matéria publicada no Diário Oficial do Estado, no dia 9 de março. De acordo com o cronograma original, as obras da siderúrgica

deveriam ter começado em 2011 e terem sido entregues em 2014 (PORTAL 27, 2015; SÉCULO DIÁRIO, 2015a).



Um dos objetivos da Vale é aproveitar as vantagens competitivas de produzir aço com acesso ao seu próprio minério, fechando a cadeia produtiva de aço no estado (SÉCULO DIÁRIO, 2015b). No entanto, com o rompimento da barragem de rejeitos da Samarco em Mariana, ocorrido em novembro de 2015, e a anunciada interrupção das atividades da Samarco em Anchieta, ainda não se sabe quando a empresa terá interesse em retomar o projeto da CSU.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGB, Associação de Geógrafos Brasileiros. Relatório de atividade de campo: Anchieta-ES, 19 maio 2012. Disponível em: http://www.agb.org.br/documentos/2012/Relatorio_Ativ_Campo_Anchieta.05-12-AGB-Vitoria.pdf. Acesso em: 12 jan. 2016.
- GAZETA ONLINE. Vale e Baosteel desistem de projeto e vão liquidar CSV, 16 Jan. 2016. Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/01/49142-vale+e+baosteel+desistem+de+projeto+vao+liquidar+csv.html. Acesso em: 12 jan. 2016.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anchieta (ES). Cidades@, 2014. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=320040>. Acesso em: 06 jan. 2016.
- MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTICA AMBIENTAL E SAUDE NO BRASIL. ES - Comunidades tradicionais de Anchieta se mobilizam contra empreendimentos ambientalmente danosos. LIS/ICICT/Fiocruz, 02 jul. 2014. Disponível em: <http://www.conflictoambiental.icict.fiocruz.br/index.php?pag=ficha&cod=336>. Acesso em: 06 jan. 2016.
- PORTAL 27. CSU continua projeto para implantar siderúrgica em Anchieta, 11 mar. 2015. Disponível em: <http://www.portal27.com.br/csu-continua-projeto-para-implantar-siderurgica-em-anchieta/>. Acesso em: 06 jan. 2016.
- RAMOS, Maria Helena Rauta; ATAÍDE, Soraya Gama de. Luta pela preservação ambiental: dilemas e contradições. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 186-195, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v16n2/04.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2016.
- SAMARCO. A Samarco. Site, s.d. Disponível em: <http://www1.samarco.com/modules/system/viewPage.asp?P=1063&VID=default&SID=892325558690426&S=1&A=closeall&C=9979>. Acesso em 10 nov. 2015.
- SÉCULO DIÁRIO. Vale volta à carga: pede licença para construir siderúrgica em Anchieta, 09 mar. 2015a. Disponível em: <http://seculodiario.com.br/21699/10/vale-volta-a-carga-pede-licenca-para->

construir-siderurgica-em-anchieta-1. Acesso em: 12 jan. 2016.

SÉCULO DIÁRIO. Espírito Santo, lixeira industrial do país: tudo preparado para siderúrgica em Anchieta, 22 jul. 2015b. Disponível em:

<http://seculodiario.com.br/23968/10/espírito-santo-lixreira-industrial-do-pais-tudo-preparado-para-siderurgica-em-anchieta>. Acesso em: 12 jan. 2016.

VALOR. Vale e Baosteel buscam novo sócio para Cia Siderurgica Vitória. In: Portal da Confederação Nacional dos Metalúrgicos, 04 out. 2007. Disponível em:

<http://www.cnmcut.org.br/conteudo/vale-e-baosteel-buscam-novo-socio-para-cia-siderurgica-vitoria>. Acesso em: 12 jan. 2016.

ZANDONADI, Denise. A implantação da empresa em Ubu vem enfrentando resistência. A Gazeta, 24 fev. 2010. Disponível em:

http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2010/02/605358-vale+gasta+r+50+milhoes+para+adequar+siderurgica+de+ubu.html. Acesso em: 12 jan. 2016.